

Romaria dos Pitaguari homenageia Santo Antônio

A caminhada saiu do lugar Olho D'Água, Maracanaú, culminando com ato ecumênico sob mangueira histórica

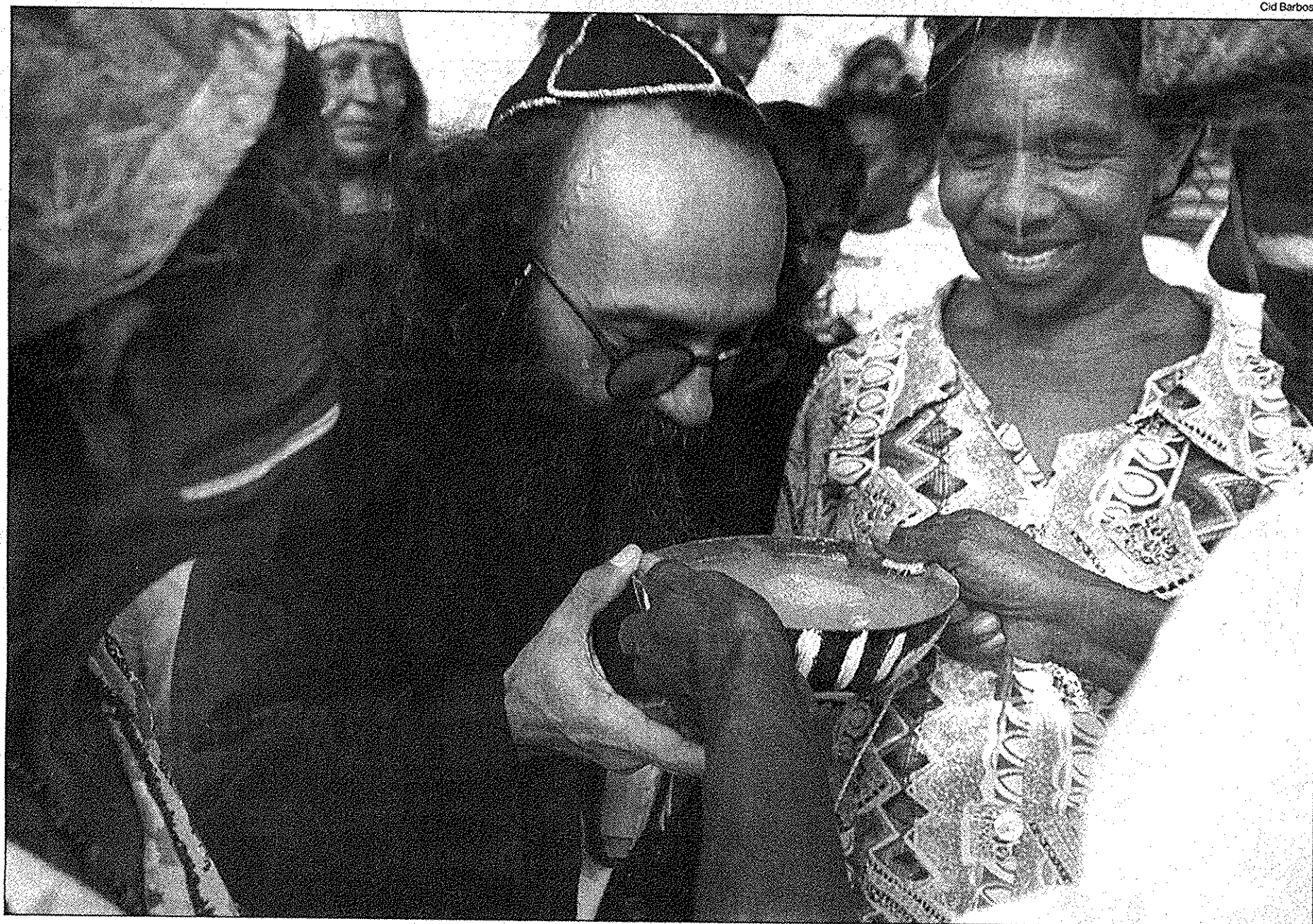
"Oh mangueira, eu vim te visitar,/ vim quebrar as correntes deste lugar./ Aqui foi onde tudo aconteceu,/ o massacre foi tão grande que os índios morreram". O cântico triste era de Francisco Daniel Araújo da Silva, conhecido como cacique Daniel, da comunidade Santo Antonio dos Pitaguari, ao dançar o Toré juntamente com 40 índios do local. Ontem, Pitaguari e Genipapo-Kanindé fizeram mais uma vez a romaria em louvor a Santo Antônio que, para eles, significa uma grande força. A caminhada, realizada há seis anos, começou às 8h15min, saindo do bairro Olho D'Água, em Maracanaú, percorreu cinco quilômetros e foi terminar na mangueira histórica, situada na aldeia indígena, onde ocorreu uma celebração ecumênica.

A comemoração contou com a participação de representantes dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza, da Pastoral Indigenista, Igreja Cristã Ortodoxa, estudantes das escolas públicas de Maracanaú e comunidades de Fortaleza, dentre elas Conjunto Palmeiras, João Paulo II, Jereissati e Timbó. Como de costume, os índios aproveitaram para solicitar a demarcação de suas terras às autoridades. Segundo o Diretor do Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza, padre Lino Allegri, presente à celebração, a Igreja está preocupada com a questão e acompanha os processos jurídicos relacionados à delimitação de terras indígenas cearenses.

O advogado da Pastoral Indigenista, Antonio Gomes de Oliveira Neto, disse que os processos administrativos foram solicitados pelos próprios índios à Fundação Nacional do Índio (Funai) que vem fazendo o reconhecimento desses povos no Ceará. "Atualmente, só foi reconhecida a comunidade Tapeba, de Caucaia, e Tremembé, em Almofala - Itarema. A Funai está iniciando o processo de reconhecimento oficial dos Pitaguari e Genipapo-Kanindé, baseado em estudos técnicos, antropológicos, históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários", explicou o advogado. O cacique Daniel, defensor incansável da preservação da cultura, disse que até hoje eles esperam pela demarcação das terras, para que as tradições não morram.

O bispo primaz da Igreja Cristã Ortodoxa, Raimundo Bezerra Alves, informou que, juntamente com os diretores de escolas públicas de Maracanaú, está sendo realizada a campanha do tijolo e da telha para construir uma escola somente para os filhos de índios. O objetivo é manter vivas cultura e tradição dos silvícolas. Disse que a previsão é de que no próximo ano ela já esteja pronta. "Nossa intenção é de que a língua tupi-guarani seja transmitida às crianças dessa gente", acrescentou.

Durante a celebração ecumênica, os índios, todos caracterizados, oraram e pediram a ajuda



Religiosos e todos os presentes à celebração ecumênica de ontem, beberam a "Atanhanga", bebida indígena sagrada preparada pelos índios durante os rituais

de Deus. Eles cantaram, dançaram o Toré e beberam a "Atanhanga", um líquido sagrado feito à base de raízes e cascas de árvores, utilizada somente em rituais. Depois que todos tomaram da bebida, inclusive o público presente, foi feita uma oração pelo vigário do Conjunto Palmeiras, Francisco Moser. Ele pediu: "Pai, Mãe, Fonte da Vida, que a causa indigenista tenha continuidade", suplicou. Depois o Pai-Nosso ecumênico foi rezado por todos.

Representando os Genipapo-Kanindé, a índia Maria de Lourdes Conceição Alves, conhe-

cida como cacique Pequena, denunciou a invasão de terras na reserva Lagoa Encantada, onde residem famílias da comunidade. Ela anunciou que no dia 27 de outubro deste ano, haverá uma assembléia geral na própria reserva, devendo contar com a participação de todos as comunidades indígenas. "Vai ser uma festa", exclamou cacique Pequena.

O professor da Escola Tenente Mário Lima, Carlos Alencar Rartts, explicou que, através da oralidade, é necessário que se resgate todas as histórias relacionadas à cultura dos povos indi-

genas. Informou que a Universidade Federal do Ceará, juntamente com a Pastoral da Arquidiocese, está fazendo um estudo com a finalidade de retratar toda uma história desconhecida do povo. "Muitos escravos eram índios, os próprios estudantes desconhecem isso. Nossos costumes, ideologia, enfim toda a tradição cearense é em tupi. Faz-se necessário que não deixemos morrer essa história. O objetivo da escola a ser construída é também essa: trabalhar a pedagogia da oralidade, visando a preservação da cultura indígena", disse o professor.